



e-ISSN 2446-8118

## FORMAÇÃO E INSERÇÃO LABORAL DE ENFERMEIROS: A ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA COMO POSSIBILIDADE

64

NURSES' JOB TRAINING AND INSERTION: TEACHING PRACTICE AS A POSSIBILITY

FORMACIÓN E INSERCIÓN LABORAL DEL ENFERMERO: ACTUAR EN LA DOCENCIA COMO POSIBILIDAD

Solange de Fátima Reis Conterno<sup>1</sup>  
Felipe Ferraz Fideles<sup>2</sup>  
Alana Caroline Czaika<sup>3</sup>  
Rosa Maria Rodrigues<sup>4</sup>  
Alessandra Cristyan Engles dos Reis<sup>5</sup>

**RESUMO:** Objetivo: Identificar o perfil dos enfermeiros do estado do Paraná quanto à formação, inserção e atuação profissional, contemplando a atuação na docência e identificar quantos são licenciados em Enfermagem. Método: Pesquisa exploratória, com enfoque quantitativo. Coleta por instrumento *on-line* assíncrono. Resultados: 1550 participantes, 1.346 (86,84%), são do sexo feminino, 630 (40,65%), com idade entre 26 a 35 anos. 994 (64,13%) concluíram a graduação no período de 2011 a 2015, majoritariamente em instituição privada e 1.544 (99,6%) na modalidade presencial; 1.018 (65,68%) conseguiram trabalho em até seis meses após a conclusão da graduação; 633 (40,84%) com carteira assinada; 547 (35,29%) em serviços públicos; 680 (43,87%) têm um vínculo empregatício; 936 (60,39%) trabalham entre 31 e 40 horas por semana; 673 (43,42%) ganham entre um e três salários mínimos. 148 (9,54%) possuem vínculo com maior carga horária como professores, sendo 87 (5,61%) no ensino superior e 61 (3,93%) na educação profissional; 1.447 (93,35%) tiveram contato com conteúdos referentes à capacitação pedagógica, independente da licenciatura. Conclusão: A formação e inserção laboral explicitam fragilidades, logo obstaculizam a valorização profissional. Conteúdos pedagógicos, independente da licenciatura, foram vivenciados, seguindo as orientações legais. O exercício da docência requer formação específica para promover processos educativos intencionais e metódicos.

**DESCRITORES:** Enfermagem; Formação Profissional, Educação Superior; Exercício Profissional; Docência

**ABSTRACT:** Objective: Objective: To identify the nurses' profile in Paraná state regarding training, insertion and professional performance to cover teaching practice and identify how many are licensed

<sup>1</sup> Pedagoga. Doutora em Educação. Professora Adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no Curso de Graduação em Enfermagem, Campus de Cascavel/PR e no Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde.

<sup>2</sup> Enfermeiro. Residente em Enfermagem Obstétrica no Hospital Universitário do Oeste do Paraná (HUOP).

<sup>3</sup> Enfermeira. Residente em Enfermagem Obstétrica no Hospital Universitário do Oeste do Paraná (HUOP).

<sup>4</sup> Enfermeira. Professora Associada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no Curso de Graduação em Enfermagem, Campus de Cascavel/PR e no Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde.

<sup>5</sup> Enfermeira. Doutora em Educação em Ciências e Educação Matemática. Professora Adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no Curso de Graduação em Enfermagem, Campus de Cascavel/PR. Coordenadora do Programa de Residência em Enfermagem, Especialidade em Obstetrícia (Unioeste).

in Nursing. Method: Exploratory research, with a quantitative approach. Asynchronous online instrument collection. Results: 1,550 participants, 1,346 (86.84%), are female, 630 (40.65%), aged between 26 and 35 years. 994 (64.13%) concluded under-graduation from 2011 to 2015, mostly in a private institution and 1,544 (99.6%) in the in-person modality; 1,018 (65.68%) got a job within six months after under-graduation conclusion; 633 (40.84%) with a registry at Social Security; 547 (35.29%) in public services; 680 (43.87%) have an employment relationship; 936 (60.39%) work from 31 to 40 hours a week; 673 (43.42%) earn from one to three minimum wages. 148 (9.54%) have a higher workload as teachers, 87 (5.61%) are in higher education and 61 (3.93%) in professional education; 1,447 (93.35%) had some contact with contents related to pedagogical training, regardless their graduation. Conclusion: The training and job insertion reveal weaknesses, consequently, some hindering professional development. Pedagogical contents, regardless graduation, were experienced, following legal guidelines. The teaching practice requires specific training to improve intentional and methodical educational processes.

**DESCRIPTORS:** Nursing; Professional Training, Higher Education; Professional Practice; Teaching

**RESUMEN:** Objetivo: Identificar el perfil de los enfermeros en el Estado del Paraná en términos de formación, inserción y desempeño profesional, contemplando su rol en la docencia e identificando cuántos tienen un título en enfermería. Método: Investigación exploratoria, con enfoque cuantitativo. Recolección mediante instrumento en línea asincrónico. Resultados: 1550 participantes, 1346 (86,84%), mujeres, 630 (40,65%), con edades comprendidas entre 26 y 35 años. 994 (64,13%) completaron la graduación entre 2011 y 2015, en su mayoría en una institución privada y 1.544 (99,6%) en la modalidad presencial; 1.018 (65,68%) consiguieron un trabajo dentro de los seis meses posteriores a la graduación; 633 (40,84%) con contrato laboral; 547 (35,29%) en servicios públicos; 680 (43,87%) tienen relación laboral; 936 (60,39%) trabajan entre 31 y 40 horas semanales; 673 (43,42%) ganan entre uno y tres salarios mínimos. 148 (9,54%) tienen mayor carga laboral como docentes, 87 (5,61%) en educación superior y 61 (3,93%) en educación profesional; 1.447 (93,35%) tuvieron contacto con contenidos relacionados con la formación pedagógica, independiente de la titulación. Conclusión: La formación y la inserción laboral revelan debilidades que dificultan el desarrollo profesional. Se experimentaron contenidos pedagógicos, independientemente de la licenciatura, siguiendo directrices legales. El ejercicio de la docencia requiere una formación específica para promover procesos educativos intencionales y metódicos.

**DESCRIPTORES:** Enfermería; Formación profesional; Educación superior; Práctica profesional, Docencia.

## INTRODUÇÃO

A Enfermagem como profissão é resultado de um movimento histórico de construção e reconstrução, de superação da ideia de uma atuação baseada, centralmente, no amor, devoção e vocação para afirmar um fazer profissional apoiado na ciência, com um campo de conhecimento específico e inserção político-social,<sup>1</sup> tendo o cuidado como objeto de trabalho, formalizado e profissional desde o final do século XIX<sup>2</sup>.

A atuação em Enfermagem articula-se a organização do trabalho em saúde e a produção científica de dado momento histórico, de forma que o trabalho dos

enfermeiros é influenciado por fatores e demandas sociais, institucionais, políticas, éticas e científicas, as quais extrapolam as particularidades delimitadas por seu campo específico de formação<sup>3</sup>. De forma que, entender a enfermagem como profissão é afirmar a sua utilidade e reconhecimento social, que se sustenta em saber específico e sistematizado, o qual é socializado por meio de processo de ensino, portanto, formação regulada e institucionalizada que incorpora autonomia sobre o seu trabalho demarcado por legislação específica que regulamenta e disciplina seu exercício profissional<sup>4</sup>.

A profissionalização do cuidado delimitou um campo essencial para a

organização das ações em saúde. O graduado em enfermagem atua nas várias dimensões da assistência à saúde, seja na prevenção, promoção da saúde e nos cuidados curativos. Constitui-se em força de trabalho significativa no Sistema Único de Saúde (SUS), atuando em processos e procedimentos, inclusive na gestão e coordenação de programas<sup>5</sup>.

Constata-se, a partir da década de 1990 a expansão, principalmente em instituições privadas, de cursos e matrículas na área, o que ampliou a oferta de profissionais, acompanhando a expansão da educação superior no país, assim como, a oferta da educação à distância que foi se tornando realidade<sup>6</sup>, de forma que não se tem ainda resultados se estes profissionais formados à distância estão se inserindo no mundo do trabalho, assim como, os formados nas instituições privadas, cujos números absolutos e percentuais aumentaram nos últimos anos.

Nesses últimos anos, a docência em enfermagem tem ganhado destaque como modalidade de atuação dos enfermeiros, fenômeno que se deve a vários elementos, desde as reorientações das políticas de saúde, ao ampliar espaços de formação e a educação permanente de recursos humanos, até elementos ligados a expansão de cursos de graduação, de cursos técnicos em enfermagem que atualmente compõem a maior parte da força de trabalho da categoria, composta por 1.706.880 técnicos perfazendo 59% de seus membros<sup>7</sup>.

A Enfermagem na modalidade bacharelado proporciona a formação profissional para a realização das atividades assistenciais, gerenciais e de iniciação à pesquisa. A formação para a docência, instituída em 1968, por meio de legislação que criou a licenciatura em enfermagem no Brasil, teve por objetivo promover conhecimentos didático-pedagógicos instrumentalizando enfermeiros para a atuação docente no curso técnico em enfermagem<sup>8</sup>.

Considerando as questões destacadas, objetiva-se identificar o perfil dos enfermeiros do estado do Paraná quanto à formação, inserção e atuação profissional, contemplando a docência e identificar quantos são licenciados em Enfermagem.

## METODOLOGIA

Pesquisa exploratória, com enfoque quantitativo. Os estudos exploratórios permitem ao investigador elevar o nível de experiência e conhecimento sobre determinado problema,<sup>9</sup> traduzindo em números as opiniões e informações para, então, classificá-las e analisá-las<sup>10</sup>.

Utilizou-se a amostragem por conveniência, considerando que foram eleitos como participantes profissionais de enfermagem cadastrados no Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e registrados no sistema do Conselho Regional de Enfermagem (Coren) do Paraná, que no ano de 2018 eram 24.486 profissionais<sup>11</sup>. Considerou-se como critérios de inclusão dos participantes a anuência ao estudo, por meio do aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informado eletronicamente, bem como o preenchimento integral do instrumento de coleta de dados, sendo excluídos aqueles que responderam parcialmente. Assim 2.033 acessaram e responderam ao formulário *on-line*, mas o fizeram de forma integral 1.550, constituindo-se na amostra do estudo.

Os dados foram coletados, entre os meses de novembro de 2019 a fevereiro de 2020, por meio de instrumento *on-line*, manejado no formato assíncrono, sendo utilizado o software LimeSurvey de uso livre para elaboração, gerenciamento e coleta de dados de questionários *on-line*.<sup>12</sup> O link do instrumento foi enviado pelo Coren/PR, que colaborou com o estudo, para suas listas de contatos, de forma que não houve acesso direto dos pesquisadores aos participantes.

Os dados foram sistematizados com auxílio do *Microsoft Excel*, considerando variáveis relacionadas à: caracterização dos participantes; condições de empregabilidade e formação para atuação na docência. Foram distribuídos em tabelas e submetidos a análise estatística descritiva, analisados e discutidos a partir das referências teóricas acerca da formação e atuação profissional dos enfermeiros. O Estudo foi aprovado pelo Parecer CEP 3.231.473 de 28 de março de 2019.

## RESULTADOS

A maioria dos participantes 1.346 (86,84%), era do sexo feminino, enquanto 204 (13,16%) masculino, sendo profissionais jovens pois, 630 (40,65%), possuíam idade entre 26 a 35 anos. O estado civil variou entre: solteira(o) 492 (31,74%), união estável 210 (13,55%), separada(o)/divorciada(o) 138 (8,90%), viúva(o) 19 (1,23%), com maior ocorrência para casada(o) 691 (44,58%).

Evidenciou-se que a maioria concluiu a graduação em enfermagem entre os anos de 2011 a 2015, com o registro de 389 (25,10%) respostas, seguido do período de 2006 a 2010, com 383 (24,71%), com destaque ainda para 2016 a 2018, no qual 350 (22,58%) concluíram a graduação. A formação na graduação tem sido realizada majoritariamente em instituição

privada de ensino superior 994 (64,13%) e, a maioria concluiu a graduação em curso na modalidade presencial, 1.544 (99,6%) e, de forma pouco significativa, três (0,2%) cursaram à distância e ou parte presencial e parte a distância.

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes quanto suas condições de empregabilidade, em que se destaca que a maioria conseguiu trabalho em até seis meses, após a conclusão do curso de graduação 1.018 (65,68%); trabalhavam com carteira assinada 633 (40,84%) e em serviços públicos como concursadas 547 (35,29%); tinham um vínculo empregatício 680 (43,87%); trabalhavam entre 31 e 40 horas por semana 936 (60,39%); ganhavam entre um a três salários mínimos 673 (43,42%) e trabalhavam em maior proporção em hospitais, sejam eles privados 244 (15,74%) ou públicos 214 (14,45%).

Tabela 1. Condições de empregabilidade: tempo para inserção no trabalho, tipo de vínculo, quantidade de vínculos, e de horas trabalhadas, renda mensal, local de trabalho. Paraná, 2021.

<b>Tempo para inserção no mercado de trabalho após a conclusão da graduação</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Até seis meses	1.018	65,68
Um ano após	198	12,77
Dois anos após	97	6,26
Depois de 2 anos	18	1,16
Não haviam conseguido trabalho ainda	84	5,42
Decidiu não atuar na área	29	1,87
Decidiu fazer outra formação	13	0,84
Já trabalhava na área	31	2,00
Foi para a Residência profissional	18	1,16
Outros	44	2,84
<b>Tipo de vínculo e situação de trabalho</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Com carteira assinada – CLT	633	40,84
Concursados em serviços públicos	547	35,29
Estão desempregados	115	7,42
Trabalhando de forma autônoma	88	5,67
Estão aposentados	28	1,81
Abandonaram a profissão	19	1,23
Estão afastados por problemas de saúde	7	0,45
Não responderam	113	7,29
<b>Número de vínculos empregatícios</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Um vínculo	680	43,87
Dois vínculos	415	26,77
Três vínculos	174	11,23
Quatro ou mais vínculos	199	12,84
Não atuam na enfermagem	82	5,29
<b>Quantidade de horas trabalhadas por semana</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
De 20 a 30 horas	157	10,13
Entre 31 a 40 horas	936	60,39
De 41 a 50 horas	357	23,03
De 51 a 60 horas	17	1,10
Não tem vínculo de trabalho	20	1,29
Não especificaram a carga horária	63	4,06
<b>Renda Mensal</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
1 a 3 salários mínimos	673	43,42
4 a 6 salários mínimos	570	36,77
7 a 9 salários mínimos	149	9,62
10 a 12 salários mínimos	88	5,68
13 a 15 salários mínimos	16	1,03
Mais de 15 salários mínimos	16	1,03
Não está trabalhando/sem renda	25	1,61
Renda variável	4	0,26
Outros	9	0,58
<b>Local de trabalho</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Hospital Privado	244	15,74
Hospital Público	224	14,45
Unidade de Saúde da Família/Unidade Básica de Saúde	192	12,38
Secretaria Municipal de Saúde	173	11,16
Hospital Filantrópico	111	7,16
Docência na Educação Superior	87	5,61
Secretaria Estadual de Saúde	69	4,45
Docência na Educação Profissional de Enfermagem	61	3,93
Operadora de Saúde Privada/planos de saúde	46	3,00
Clínicas diversas	37	2,39
Empresas	30	1,93
Atuação em outra área	32	2,06
Atuação em outra área da saúde	31	2,00
Desempregada(o)	27	1,74
Atenção domiciliar privada	26	1,68
Aposentada(o)	16	1,03
Assistência e docência	16	1,03
Afastada(o) para qualificação	8	0,52
Não especificado	120	7,74%

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 2 dispõe os dados dos participantes que possuem licenciatura e os que são professores e que receberam ou não formação para atuar na docência, tanto na educação profissional técnica de nível médio, quanto na docência no ensino superior. Observa-se que dos 148 (9,54%) que possuem vínculo com maior carga como professores, 87 (5,61%) atuam como docentes no ensino superior, sendo que 18 não receberam formação e 61 (3,93%) atuam na educação profissional técnica de nível médio em

enfermagem e 21 destes não foram formados para exercer a docência.

Apesar da licenciatura em enfermagem não ter sido realidade vivenciada pela maioria dos participantes, identificou-se que em algum momento e de alguma maneira a formação para o ensino foi experienciada por 1.447 (93,35%) dos participantes, quando tiveram contato com conteúdos referentes à capacitação pedagógica, independente da licenciatura, sendo que 647 (41,74%) indicaram que esses conteúdos foram suficientes.

Tabela 2. Formação para atuação na docência. Paraná, 2021.

<b>Possui licenciatura</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Sim	561	36,19
Não	989	63,81
<b>Dos que atuam como docentes na educação profissional</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Receberam formação para atuar como professores	27	44,26
Não receberam formação para atuar como professores	21	34,43
Sem resposta	13	21,31
<b>Dos que atuam como docentes na educação superior</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Receberam formação para atuar como professores	62	71,26
Não receberam formação para atuar como professores	18	20,69
Sem resposta	7	8,05
<b>Conteúdos referente à capacitação pedagógica, independente da licenciatura</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>
Foram suficientes	647	41,74
Parcialmente suficientes	621	40,06
Não foram suficientes	179	11,55
Não teve estes conteúdos na formação	103	6,65

Fonte: Dados da pesquisa

## DISCUSSÃO

O perfil da enfermagem no Brasil, revela a tendência histórica da força de trabalho majoritariamente ser composta pelo sexo feminino. Mas, desde a década de 1990 registra-se crescente tendência da participação masculina<sup>13</sup>. Assim, os dados identificados confirmam que, seja pela tradição ou pela cultura, a enfermagem é uma profissão que sempre contribuiu para a feminilização no campo da saúde. As mulheres, profissionais de enfermagem perfazem em torno de 85% da profissão no Brasil<sup>14</sup>.

Ao considerar a classificação de estudo nacional realizado sobre o perfil de profissionais de enfermagem,<sup>13</sup> o qual classificou idade e fases da vida profissional de enfermagem, identificou-se que os profissionais, participantes deste estudo, cuja maior ocorrência de idade foi entre 26 a 35 anos, estão na fase de “pós-formação

profissional”, na qual os enfermeiros buscam adquirir sua identidade profissional, visando associar suas qualidades específicas com o mercado de trabalho. Por outro lado, também se destaca que há uma parcela na fase de “Maturidade Profissional”, entre 36 e 50 anos, sujeitos já inseridos no mercado de trabalho dominando suas habilidades cognitivas, técnicas e práticas.

Verifica-se o aumento de concluintes da graduação, principalmente a partir de meados dos anos 2000, sendo que, mais de 60% dos participantes concluíram a graduação em enfermagem de forma presencial em instituições privadas de ensino. A expansão dos cursos tem ocorrido em consonância com o desenvolvimento econômico, tecnológico e político do país, principalmente a partir de 1968. Em decorrência, o aumento dos cursos veio na esteira da privatização do ensino superior, e o número maior de instituições, cursos e vagas para a enfermagem<sup>15</sup>.

A oferta de cursos de enfermagem no setor privado é 10 vezes maior do que no setor público. No Brasil, 563 instituições de ensino superior privadas oferecem a graduação em enfermagem com 77.240 concluintes, enquanto 107 instituições públicas oferecem o curso e formam 4.999 enfermeiros. Dos cursos, 851 são oferecidos presencialmente contemplando 133.752 vagas por ano, enquanto 1.971 pólos de apoio presencial oferecem a graduação à distância, totalizando 85.855 vagas por ano<sup>15</sup>.

Estudo<sup>6</sup> apresenta dados sobre a modalidade de ensino dos cursos de enfermagem no Brasil, apontando que até o ano de 2004 existiam 415 cursos no formato presencial e nenhum no formato à distância. Em 2016, esse contexto aumentou para 883 cursos de graduação presenciais e 100 à distância. De um total de 77.322 vagas autorizadas no ensino à distância (EAD) de enfermagem, 8.138 vagas estavam preenchidas, sendo todas elas oferecidas no serviço privado.

Há cursos de graduação na área da saúde no formato EAD, entretanto os conselhos e as entidades profissionais da área da saúde, como Cofen e a Associação Brasileira de Enfermagem (Aben), são contrários a oferta nessa modalidade devido aos impactos negativos que acarreta a assistência à saúde da população<sup>16</sup>. A Resolução nº 515 de 2016, do Conselho Nacional de Saúde manifestou-se contrário ao EAD nas graduações da saúde pelo prejuízo a formação profissional dos estudantes<sup>17</sup>.

Em relação a empregabilidade da força de trabalho da enfermagem brasileira, pesquisa<sup>18</sup> indica que, 91,8% dos enfermeiros estão ativamente trabalhando, enquanto 4,5% estão desempregados. Em torno de 51 mil enfermeiros teriam experimentado o desemprego nos últimos 12 meses, por motivos variados, tendo destaque a falta de experiência, falta de concursos públicos e baixa oferta de empregos em tempo parcial.

Outra pesquisa, identifica os motivos que justificam a dificuldade em conseguir emprego variam entre a falta de experiência profissional, falta de concursos públicos e pouca oferta de trabalho em tempo parcial<sup>19</sup>. Quanto à inserção ao mercado de trabalho,

estudo levantou que, 25,6% dos enfermeiros conseguiram emprego em menos de três meses, 27,3% entre três e seis meses, 26,7% entre seis meses a um ano e 11,6% em um ano ou mais. Desse modo, os dados demonstram a facilidade do enfermeiro em inserir-se no mercado de trabalho, logo após a conclusão da graduação<sup>20</sup>. Dados similares ao encontrado neste estudo em que a maioria dos formados conseguiu trabalho em até seis meses após a conclusão da graduação.

Quando os enfermeiros possuem somente um emprego, justificam o fato a certa escassez de trabalho, ou possuem dedicação exclusiva, no caso daqueles que atuam no ensino<sup>21</sup>. Pesquisa evidenciou que a maioria, 35,4% dos enfermeiros trabalha em regime de 31 a 40 horas semanais, seguido de 28,6% trabalhando entre 41 a 60 horas, 12,9% trabalhando mais de 61 horas e 4,3% trabalhando em até 20 horas. A sobrecarga de trabalho acarreta a fragilidade da saúde física e mental dos profissionais de enfermagem, comprometendo a qualidade da prática assistencial<sup>19</sup>. Não deixa de ser expressivo, o número de enfermeiros neste estudo que tem um vínculo de trabalho 680 (43,87%), horizonte que deveria ser alcançado por toda a categoria, ao suprir em condições adequadas suas necessidades de sobrevivência com um vínculo de trabalho, considerando-se as condições desgastantes inerentes ao cuidado em saúde.

Os achados do estudo revelam que, se por um lado a força de trabalho é absorvida com certa facilidade/rapidez nos campos profissionais de atuação, por outro a renda mensal, expressa em salários-mínimos, é baixa. Outra pesquisa demonstrou que os salários variam em diferentes setores; no setor público, 36,1% recebem entre 3.001 e 5.000 reais, 35,1% entre 1.001 e 3.000, 14,2% mais de 5.001, 1,3% entre 681 e 1.000 e 0,6 recebem menos de 680 reais. Já no setor privado, 44,4% recebem entre 1.001 e 3.000 reais, 25,9% entre 3.001 e 5.000, 6,2% mais de 5.001, 3,4% entre 681 e 1.000 e 1,2% recebem menos de 680 reais<sup>21</sup>.

Neste estudo, a maioria 673 (43,42%) recebia entre um e três salários-mínimos, longe de um ideal de remuneração, fato que evidencia a urgência da implementação do piso

nacional aprovado para a categoria, em face da relevância do seu trabalho para a manutenção e qualificação do sistema de saúde.

Vale lembrar que na atualidade a graduação em enfermagem organiza-se em bacharelado – qualificação para atuação nos diferentes campos assistenciais, e licenciatura – qualificação para exercer a docência no nível médio de ensino, condição primordial para atuar na formação dos técnicos em enfermagem<sup>22</sup>. A base didático-pedagógica fornecida pela licenciatura em enfermagem permite ao docente, na educação profissional técnica de nível médio em enfermagem, uma formação abrangente, contemplando diversas tendências pedagógicas, oportunizando o ensino crítico, científico, interdisciplinar e de acordo com o contexto cultural<sup>23</sup>.

Registra-se que a maioria, 1.447 (93,35%) vivenciou em sua formação conteúdos voltados à capacitação pedagógica, independente da licenciatura, demonstrando que os cursos seguiram as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Graduação em Enfermagem de 2001<sup>24</sup> a qual indica conteúdos de caráter pedagógico, independente do curso formar licenciados para a docência.

Muitos enfermeiros se inserem na docência logo após concluírem a graduação, sem a formação e a experiência didático-pedagógica suficiente, com déficit em elementos conceituais que são essenciais para o pensamento crítico e reflexivo do docente, além de que muitos exercem a docência como um complemento a profissão, sem procurar capacitação pedagógica para o ensino. O aprendizado, portanto, ocorre por meio da prática no ensino técnico e que posteriormente se expande no ensino superior<sup>25</sup>.

A licenciatura inclui a inter-relação dos saberes cognitivos, procedimentais e atitudinais da enfermagem associados aos saberes educacionais, pedagógicos e relacionados ao ensino-aprendizagem<sup>26</sup>. A formação crítico-reflexiva esperada dos cursos de licenciatura em enfermagem objetiva a formação de docentes com conhecimentos científicos e com atitudes críticas e reflexivas que permitam a avaliação do próprio trabalho a fim de desenvolver a sua prática<sup>27</sup>.

Sabe-se que os professores devem não apenas deter conhecimento técnico-científico, mas saber como transmiti-lo. Uma pesquisa com professores não licenciados evidenciou os conhecimentos da formação para licenciatura como essenciais para a área, sendo eles em ordem “[...] o conhecimento específico da área, a didática, metodologia de ensino, conhecimentos pedagógicos, conhecimentos sobre os alunos”<sup>27:74</sup>.

Em investigação que objetivou identificar o perfil de professores não licenciados que atuam na educação profissional e tecnológica levantou-se que a maioria possui o bacharelado e não receberam formação pedagógica para atuar na docência, ainda que a maioria possuía formação em nível de mestrado. Os docentes que receberam formação pedagógica consideraram-na como essencial para o início da carreira docente<sup>28</sup>.

A atuação docente no ensino superior exige o título de mestre ou doutor, formações voltadas para a formação do pesquisador, com escassas disciplinas direcionadas ao ensino, em número reduzido ou com baixa carga-horária, sendo a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem insuficiente<sup>29</sup>.

A docência em enfermagem tangencia a necessidade da busca por conhecimentos diversificados e multidisciplinares associados a constante atualização da área de atuação, permitindo, assim, aprendizagem contínua que ofereça o ensino teórico-prático específico da profissão. No ensino público, somadas as atividades docentes encontra-se o compromisso com o desenvolvimento da pesquisa científica, participação em eventos e aperfeiçoamento da formação<sup>29</sup>. Chamou a atenção nesta amostra o número de enfermeiros (148) que se dedicam à docência, uma vez que muitos são os cursos de formação de Técnicos e Auxiliares de Enfermagem, ainda mais que desses, 80 estavam atuando na docência na educação superior. É possível que o instrumento não tenha chegado até eles, ou se chegou não foi respondido.

## CONCLUSÃO

O perfil dos enfermeiros formados no Estado do Paraná corrobora o perfil dos

enfermeiros no Brasil, sendo em sua maioria do sexo feminino, com idade entre 26 e 40 anos e casados. A graduação se faz na modalidade presencial, embora haja enfermeiros formados à distância sendo incorporados ao mercado de trabalho, revelando falaciosa a esperança de que o mercado regulará e tratará de excluir de seus quadros estes profissionais que, certamente carecem de fundamentos teóricos-metodológicos e instrumentais para desenvolver o cuidado de enfermagem. A consequência imediata é o risco à qualidade do cuidado e a fragilização do profissional. Outrossim, a observação do cotidiano mostra que técnicos em enfermagem têm acessado tais cursos à distância para angariar o título de enfermeiro e, por certo, dominando a prática profissional serão aceitos facilmente como enfermeiros.

Por mais que o mercado de trabalho requisite maiores qualificações, os enfermeiros demonstraram ter facilidade em conseguir emprego depois de formados. Em relação aos salários predominou entre 1 a 3 salários mínimos, caracterizando a desvalorização profissional e a necessidade de mais de um vínculo de trabalho e mais horas trabalhadas.

A formação superior em enfermagem tem oportunizado conteúdos referentes à capacitação pedagógica, independente da licenciatura, ao que tudo indica esse dado relaciona-se ao pressuposto de que o enfermeiro, em sua prática cotidiana é um educador, seja nas suas relações interpessoais com os sujeitos em cuidado, com grupos e comunidade. Nesse sentido, conhecimentos do campo educacional, específicos aos encaminhamentos didático-pedagógicos tornam-se importante para viabilizar práticas educativas mais efetivas.

Contudo, cabe destacar que a formação oportunizada pela Licenciatura, aquela destinada à formação de professores para atuarem em processos educativos intencionais e metódicos, ganha relevância, tanto ao considerar a necessidade da formação de futuros profissionais de enfermagem, sejam em nível superior ou técnico, quanto, ao entender que ser professor é uma profissão que requer domínio do conhecimento teórico-metodológico do processo ensino-aprendizagem.

Considera-se como limitações do estudo a abrangência regional exigindo uma análise comparada com outros achados, além disso, a coleta de dados, por ser *on-line*, pode ter ficado restrita às pessoas com acesso à Internet e com disposição para responder o instrumento de pesquisa.

Os achados sobre inserção profissional dos enfermeiros que atuam no Estado do Paraná, áreas de atuação, condições de empregabilidade, com destaque para a atuação na docência, podem subsidiar futuras pesquisas com outros recortes metodológicos e aprofundar as evidências.

## REFERÊNCIAS

1. Padilha MICS, Borenstein MS. História da Enfermagem: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade. Escola Anna Nery. 2006; 10 (3): 532-38: [online] [acesso em 2022 Nov 18]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/pNmDZmnPBQG8CwTDwhsnckk/#>.
2. Prado EV, Stein AV, Pereira R. A compreensão da história da Enfermagem a partir dos métodos ativos de ensino/aprendizagem da Faculdade AGES. Revista de Educação Popular. 2012; 11 (2): 83-94: [online] [acesso em 2021 ago 23]. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/articloe/view/20300/11895>.
3. Pires, D. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. Rev. Bras. Enferm., Brasília, 2009; 62 (5): 739-44: [online] [acesso em 2021 Jun.10]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SZLhTQGyxHDZKfdzZDBhRPS/?lang=pt>.
4. Pires, D. Transformações necessárias para o avanço da Enfermagem como ciência do cuidar. Rev Bras Enferm. 2013; 66 (esp): 39-44: [online] [acesso em 2021 Jun 20]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/q7pBQH4CBI RWDCxgGZGXtzS/?format=pdf&lang=pt>.

5. Silva, MCN, Machado, MH, Sistema de Saúde e trabalho: desafios para a Enfermagem no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2020; 25 (1): 7-13: [online] [acesso em 2021 Jul 20]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wqFyYK4y49f8WZPmkvrwVsQ/>.
6. Martins LK, Rodrigues RM, De Souza RK, Conterno SFR, Da Luz MS. Expansão dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil entre 2004 e 2017. *Enfermagem em Foco*. 2019; 10 (6): 63-9: [online] [acesso em 2022 Nov 10]. Disponível: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2369>.
7. Cofen. Conselho Federal de Enfermagem. *Enfermagem em números*. 2023. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. 2021: [online] [acesso em 2021 Jul 21]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>.
8. Sgarbi AKG, Marques MPS, Calças IRR, Missio L. Formação do enfermeiro para a docência no ensino técnico em enfermagem. *Interfaces da Educação*. 2015; 6 (17): 44-65: [online] [acesso em 2021 Jul 20]. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/745/702>.
9. Triviños, ANS. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas; 2013.
10. Minayo, MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; 2010.
11. Cofen. Conselho Federal de Enfermagem. *Enfermagem em números*. 2018: [online] [acesso em: 2022 Out 18]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>.
12. Limesurvey. Limesurvey Project Team/Carsten Schmitz. LimeSurvey: An Open Source survey tool. LimeSurvey Project Hamburg, Germany; 2015.
13. Machado MH, De Oliveira ES, Lemos WR, Vieira M, Dos Santos MR, Júnior PRBS, Filho WA, De Lacerda WF, Pereira EJ. Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final. *Fio cruz/Cofen*. 2017; 28: 1-748: [online] [acesso em 2021 Out 23]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>.
14. Silva JDF. O enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina: uma revisão integrativa [trabalho de conclusão de curso]. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão; 2017: [online] [acesso em 2021 Nov 12]. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2067>.
15. Da Silva MCN, De Humerez DC, Pinheiro VE, Garcia CLLMG. Enfermeiros formados na modalidade a distância: preocupação do Conselho Federal de Enfermagem. *Divulgação em Saúde para Debate*. 2016; 162-70: [online] [acesso em 2021 Ago 10]. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage\\_Uir6lGY.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage_Uir6lGY.pdf).
16. Aben. Carta de Belém para a educação em enfermagem brasileira. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2012; 65: 696-98: [online] [acesso em 2021 Nov 18]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wt6nn9rxrjmCgvWWvwMcNKm/?lang=pt>.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 515 de 7 de outubro de 2016. *Diário Oficial da União*; 2016.
18. Machado MH, De Oliveira E, Lemos W, De Lacerda WF, Filho WA, Wermelinger M, Vieira M, Dos Santos MR, Junior PBS, Justino E, Barbosa C. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. *Enfermagem em Foco*. 2016; 7:35-53: [online] [acesso em 2021 Nov 12]. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691>.

19. Caetano SA, Prado JTC. Mercado de trabalho: condições gerais do trabalho da enfermagem. *Divulgação em Saúde para Debate*. 2016 dez; 56:98-105: [online] [acesso em 2021 Ago 22]. Disponível em: [https://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o\\_56\\_Cofen.pdf](https://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o_56_Cofen.pdf)
20. Puschel VAA, Costa D, Reis PP, Oliveira LB, Carbogim FC. Nurses in the labor market: professional insertion, competencies and skills. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2017; 70 (6):1220:6: [online] [acesso em 2021 Jul 21]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/grrXtDrxpbxynCjyDdnDrmy/>.
21. Machado MH, De Oliveira ES, Lemos WR, De Lacerda WF, Justino E. Mercado de trabalho em enfermagem no âmbito do SUS: uma abordagem a partir da pesquisa perfil da enfermagem no Brasil. *Divulgação em Saúde para Debate*, 2016; (56): 52-69: [online] [acesso em 2021 Jul 21]. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage\\_Uir6lGY.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage_Uir6lGY.pdf).
22. De Souza DM, Backes VMS, Do Prado ML. Formação docente na educação profissional técnica de nível médio: uma revisão integrativa da literatura. *Interfaces da Educação*. 2016; 7 (20): 211-35: [online] [acesso em 2021 Jul 21]. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/987>.
23. De Camargo RAA, Gonçalves MFC, Silva MAI, De Andrade LS, Colini CSM, Dorneles LL. A articulação de conhecimentos pedagógicos pelo mapa conceitual na formação docente em enfermagem: uma abordagem histórico-cultural. *Anais Tallinn*. 2016; 1-4: [online] [acesso em 2021 Ago 12]. Disponível em: <https://cmc.ihmc.us/cmc2016papers/cmc2016-p99.pdf>.
24. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES N. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília, 2001.
25. De Oliveira WA, Pereira B, De Andrade LS, Silva MAI, Fernández JER, Gonçalves MFC. A formação didático-pedagógica de enfermeiros licenciados: a perspectiva dos professores. *Plures Humanidades*. 2018; 19 (2): 313-25: [online] [acesso em 2021 Ago 11]. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/396>.
26. Vaz DR, De Oliveira MPP, De Almeida DM, Prado C, Pina Oliveira AA, Fernandes MFP. A importância da reflexão no estágio curricular na licenciatura em enfermagem: uso de heurísticos. *Revista de Graduação USP*. 2017 jun.; 2 (2):65-73: [online] [acesso em 2021 Ago 27]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gradmais/article/view/123908>.
27. Barroso DA. Saberes docentes: fundamentos da prática no ensino técnico. [dissertação]. Amazonas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas; 2019.
28. Fontes FLL, Santana RS, Soares JC, Pereira RIN, Do Espírito Santo IMB, De Souza MSR, Martins GS, De Araújo CA, Da Silva MJM, Neta ASS, Coimbra GT, Lopes MCF, Pinho LF, Da Silva NKB, Costa, AMAS. Desafios e dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro docente para o exercício da docência no ensino superior. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. 2019; (24): 1-8: [online] [acesso em 2021 Set 20]. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/300/465>.
29. Rodrigues MTP, Sobrinho JACM. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2006 ago.; 60 (4): 456-59: [online] [acesso em 2021 Nov 23]. Disponível em:

Conterno SFR, Fideles FF, Czaika AC, Rodrigues RM, Reis ACE.

[https://www.scielo.br/j/reben/a/Mp5hNyBbzT3sNNN8jBPQDGt/?format=pdf&lang=pt.](https://www.scielo.br/j/reben/a/Mp5hNyBbzT3sNNN8jBPQDGt/?format=pdf&lang=pt)

Artigo Original

Recebido em: 06.08.2023

Aprovado em: 23.08.2023